

A BONITEZA DO OLHAR INFANTIL NA PERSPECTIVA EMANCIPADORA: Ensinar e aprender em diálogo com os saberes das crianças

PADILHA, Aparecida Arrais – PMSP – cidarrais@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo apresenta uma experiência em Educação Infantil desenvolvida em escola da Rede Municipal de Educação de São Paulo, Brasil, intitulada “Luz e Sombras como recurso pedagógico”. Mostra a importância, na ação docente emancipadora, do diálogo com os saberes das crianças utilizando diferentes linguagens artístico-culturais e a ludicidade. Relata uma prática que teve como objetivo explorar novos espaços e tempos, criativos e lúdicos, para que as crianças pudessem se expressar com mais alegria, liberdade e criatividade, a partir da observação da luz e da sombra, o que envolveu também pais, familiares e outros educadores. A principal descoberta aqui registrada é o fato de que todos os sujeitos envolvidos trabalharam de forma participativa, colaborativa e crítica, ressignificando suas próprias práticas e abrindo-se a novas aprendizagens.

Refletir e fundamentar a prática na Educação Infantil: uma práxis freiriana.

Ao compartilhar a experiência do Projeto “Luz e Sombras”, que eu própria vivenciei e coordenei, faço-o na perspectiva da “reflexão sobre a prática”, como nos ensinou Paulo Freire. E, ao fazê-lo, nosso primeiro objetivo é dar ênfase às diferentes possibilidades que o docente sempre tem, em sua prática pedagógica, de buscar qualificar a sua atuação em sala de aula em busca de que as crianças tenham oportunidades de se descobrirem, processualmente, como sujeitos do processo educativo. Ao mesmo tempo, objetivamos extrair desta experiência, aprendizagens relacionadas ao aprimoramento da própria ação docente.

As contribuições de Paulo Freire foram fundamentais no projeto aqui relatado, pois elas estão presentes em nossa formação como educadora, seja quando o estudamos

no curso de Pedagogia, ainda na década de 80 do século 20, seja quando ele foi Secretário Municipal de Educação de São Paulo, de 1989 a 1991, deixando importantes contribuições para o currículo da educação infantil e do ensino fundamental, onde sempre atuamos. A relevância educativa da experiência aqui apresentada está no fato de ter contribuído para a formação de educadoras e educadores que, como eu, buscam aprender no cotidiano de suas ações docentes, mas, também, pela oportunidade que tivemos de aprender com a boniteza do olhar e da fala das crianças, simplesmente, por termos criado novos espaços e tempos de diálogos com elas.

Luz e sombras como recurso pedagógico

Aprendi, em meus quase 30 anos como educadora, que quando utilizamos a arte nos processos educativos, o intercâmbio de saberes entre professor e alunos/as e as aprendizagens são bem maiores e significativas. Como nos ensina Georges Snyders, “a arte da criança possui qualidades e valores: a criança descobre que é capaz de se expressar, e que aquilo que ela expressa participa da sua autoconstrução e da exploração do mundo”. (2005, pg. 65). Ao longo de minha experiência docente, fui introduzindo, mais e mais, a cada dia, a arte e a ludicidade. Relato, a seguir, sinteticamente, uma dessas experiências, que intitulei de “Luz e Sombras como recurso pedagógico”. Este projeto foi criado e desenvolvido na Escola Municipal de Educação Infantil “Professora Ana Maria Poppovic”, tendo iniciado em outubro de 2009, quando participei de uma visita à Exposição “Sombras e Luz”, no SESC Pompéia, naquele ano, no contexto das comemorações do Ano da França no Brasil 2009. A partir daí, a experiência foi recriada por mim e aplicada na unidade educacional já referida em 2010, com crianças de diferentes estágios, bem como com familiares e funcionários, em tempos diversos. Posteriormente, no mesmo ano, foi apresentado como relato de experiência e oficina destinada a professores e professoras da Rede Municipal de Educação de São Paulo.

O trabalho com luz e sombras, técnica milenar de origem oriental que também se caracteriza como uma espécie de “Leitura do Mundo” tecnológica significou a utilização inédita, no âmbito daquela unidade educacional, localizada na zona Oeste da capital paulista, de uma nova linguagem expressiva, por todos admirada: a luz e as

sombras, que incentivam a curiosidade, o movimento, a consciência corporal dos participantes, bem como a atenção às atividades sensoriais, motoras e relacionais, principalmente numa dimensão lúdica.

Ao propor a interatividade aos participantes, o trabalho com luz e sombras se mostrou muito propício para incentivar a curiosidade e a participação das crianças (e dos adultos), permitindo que todos pudessem criar e descobrir novas formas geométricas, inventar imagens, símbolos e representações, sempre a partir dos seus próprios repertórios culturais. E, ao buscarem produzir imagens coletivamente, desenvolvem o espírito de grupo, o trabalho cooperativo e integrador, incentivando relações humanas participativas e, por conseguinte, um processo de formação humana fundamentado nas experiências culturais dos participantes. Isso reafirmou identidades, permitiu o reconhecimento de diferenças culturais e a comunicação com base em símbolos, movimentos e gestos de suas vidas cotidianas e de suas próprias corporalidades. Daí, a importância de se trabalhar com esta técnica na educação infantil e também nos demais níveis e modalidades educacionais, potencializando o interesse do aluno, dos educadores, dos familiares e o resgate da relação humana lúdica, alegre, prazerosa, onde todos podem ensinar, aprender e perceber que a sombra é parte da percepção de que existe luz, remetendo a fenômenos astronômicos como, por exemplo, um eclipse solar lunar, e a outras experiências que, ao mesmo tempo, podem nos remeter aos conhecimentos da ciência, da arte e à reflexão crítica sobre a nossa realidade.

Para Célestin Freinet, o objetivo fundamental da educação é o de “desenvolver ao máximo a personalidade da criança, (...) enquanto membro da comunidade”. (Freinet, 1973, p. 24 e 25). Nesse sentido, o projeto teve por objetivo utilizar diferentes recursos tecnológicos para provocar luz e sombra, para que as crianças pudessem tomar consciência de como se dá esse processo, aprender a trabalhar com a técnica da luz e sombra como um linguagem diferenciada e lúdica. Tanto para as crianças, quanto para os educadores, participar deste projeto criou o interesse pela descoberta, pela brincadeira e pela aprendizagem de questões relacionadas ao mesmo tempo às artes e às ciências, sem dicotimizá-las, e de experimentar individual e coletivamente o reconhecimento de diferentes imagens, com base em processos criativos e dinâmicos, alegre e participativos, alterando a rotina das crianças e dos participantes adultos,

aguçando a curiosidade e o espírito crítico de todos, evidentemente, a partir da promoção de um diálogo crítico durante o processo, remetendo-os a novas reflexões que viabilizassem aprendizagens e vivências significativas, investigativas, lúdicas e criativas. Para isso, utilizamos múltiplas linguagens de aprendizagem, tornando o processo de formação humana mais curioso e prazeroso, incentivando o protagonismo desde a infância e aprendizagens com base na busca de novos referenciais de imagens, de símbolos e da própria fantasia infantil, suscitando reflexões críticas dos participantes em relação às suas vivências cotidianas, sobre os novos saberes que decorriam daquela experiência, que envolvia luz, sombras e a reflexão sobre as suas próprias realidades.

Utilizando a luz e sombras para retratarem situações de suas vidas cotidianas, as crianças participantes do projeto aguçavam suas capacidades de observação da realidade, que passou a ser refletida criticamente e com o objetivo de transformá-la. Desta forma, além de aprenderem como se dá o processo de criação das sombras, tanto no aspecto da tecnologia utilizada, como em relação à aprendizagem dos movimentos, do gestual e da construção de imagens com sombras, utilizando o conjunto da corporeidade dos participantes, bem como a utilização de objetos e silhuetas, exercitaram também a observação crítica da realidade a partir de suas percepções individuais e também, principalmente, coletivas, prazerosas, lúdicas e criativas.

Durante as oficinas, nas quais os participantes, individualmente e em grupo, o que acontecia tanto com as crianças, como com os adultos, eram convidados a retratar as suas realidades e os seus desejos, utilizando luz e sombras, a partir do que registravam e “descobriam” nos seus respectivos contextos de vida e de trabalho, foi possível registrar depoimentos significativos, que demonstraram que os sujeitos ressignificavam as suas próprias visões de mundo e se descobriam sujeitos de suas próprias experiências, sentindo-se mais críticos, mais participativos e abertos a novos diálogos.

Foram feitos registros fotográficos, em vídeo e escritos dos depoimentos das crianças, dos familiares e dos/as educadores/as, e isso contribuiu para que os grupos se reconhecessem no trabalho e pudessem expressar as suas aprendizagens e os impactos do projeto em suas vidas, como, por exemplo, o fato de as crianças passarem a ter mais interesse por conhecer o próprio contexto familiar, as histórias das próprias famílias e a serem mais observadoras e participativas na escola, mesmo quando outros estudos e

atividades eram desenvolvidos, pois sentiam-se mais motivados com novas possíveis aprendizagens, dentro e fora da escola.

Podemos afirmar que os objetivos previstos no projeto “Luz e Sombras como recurso pedagógico” foram alcançados, conforme avaliação dos participantes e que, portanto, permitiu a todos os participantes, principalmente às crianças e aos educadores, compreenderem que quando o trabalho inclui diferentes linguagens artístico-culturais, valorizando a dimensão lúdica da prática docente e o respeito às experiências, as aprendizagens de todos os sujeitos tornam-se, efetivamente, mais prazerosas e significativas, tanto para as suas vidas pessoais, como para a vida da própria comunidade, porque todos percebem efetivamente que, assim, ensinam e aprendem em comunhão, mediatizados pelo mundo conforme nos ensina Paulo Freire. Afinal, como ele escreveu, “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos.” (Freire, 1997, p. 33-34). Já que é assim, completa Freire, “Por que não estabelecer uma necessária 'intimidade' entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (Idem). Quanto aos educadores e às educadoras, todos manifestaram a importância de cuidarem mais e melhor de suas relações com seus alunos e com a necessidade de diversificarem e de dinamizarem mais as suas atividades docentes, visando a aproveitarem e a potencializarem as aprendizagens de seus alunos, ressignificando as suas próprias práticas docentes.

Refletindo sobre esta e sobre outras experiências de observação, diálogo, escuta e de convivência com as crianças, publiquei o livro intitulado “Peixe Voa: a boniteza do olhar infantil” (Padilha, 2013), onde procurei registrar as falas das crianças, com ilustrações feitas por mim, mostrando que é fundamental que nós, educadoras e educadores, possamos estar atentos, sempre mais, aos que as crianças têm a nos ensinar, além de buscarmos construir espaços e tempos mais acolhedores e democráticos, que respeitando a dinâmica do pensamento infantil e de suas importantes presenças no mundo.

Referências bibliográficas

- Almanaque Sombras e Luz*, setembro a dezembro de 2009, Sesc Pompéia, 15p.
FREINET, C. *Para uma escola do povo*. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
PADILHA, Aparecida Arrais. *Peixe Voa: a boniteza do olhar infantil*. São Paulo, A.A.Padilha. 2013.

SNYDERS, Georges. *Alunos felizes: reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. 4a ed., São Paulo, Paz e Terra, 2005.

<http://blablarte.wordpress.com/2009/10/20/exposicao-sombras-e-luz-no-sesc-pompeia/> Acesso em 27/10/2010